

FERAS DE LUGAR NENHUM: O INFANTE NA INFÂNCIA E NA INFANTARIA

Aluna: Akemi Aoki

Orientadora: Rosana Kohl Bines

Introdução

Este trabalho é uma pequena ramificação do estudo mais amplo da professora Rosana Kohl Bines, na PUC-Rio, que enfoca o binômio infância-violência, cotejando narrativas que priorizam o olhar infantil sobre experiências-limite, as quais colocam em risco a própria sobrevivência da criança que narra ou cuja história se relata, e suas repercussões literárias das representações da infância, levantando problemas fundamentais no que se refere à simbolização de eventos-limite. Como a linguagem pode dar conta de narrar situações que forcem os limites de nossa inteligibilidade? Como escrever atrocidades que não conseguimos sequer admitir em pensamento? Seguindo essa linha, minha pesquisa se estreitou em direção às narrativas de guerra em literatura africana e este trabalho se concentra especificamente na análise da obra *Feras de lugar nenhum*, de Uzodinma Iweala.

Desde o início do século XX até este mal começado século XXI, temos vivido tempos sombrios, em que é cada vez mais comum vermos crianças envolvidas em notícias violentas, para as quais a África, particularmente, oferece extenso material. A relação da criança com a guerra, nada nova, mas continuamente impactante, torna brutalmente atraentes essas narrativas singulares de guerra: há algo de profundamente errado com elas. Como diz o antropologista David M. Rosen, autor de *Armies of the young: child soldiers in war and terrorism*¹, a imagem de um menino segurando uma AK-47 nos incomoda porque confunde duas determinações fundamentais e inquestionáveis da sociedade moderna: a guerra é ruim e deve terminar; as crianças são inocentes e devem ser protegidas. Por isso, *Feras* é particularmente perturbador. Nas palavras do escritor angolano José Eduardo Agualusa, responsável pelo prefácio da edição brasileira, no romance de Uzodinma vamos encontrar “um mundo em convulsão, de uma horrível violência”. A “convulsão de horrível violência”, por si só, já produz um efeito de pesado incômodo em qualquer narrativa. Em *Feras*, esse efeito parece ser duplicado por conhecermos a história de Agu através de sua própria voz de criança – em primeira pessoa e no presente do indicativo.

Pressupostos teóricos e objetivos

Como nos mostram os estudos de Philippe Ariès², a partir da Era Moderna, construiu-se um lugar social para a Infância. Foi criado e desenvolvido todo um sistema bem aparatado de educação, vestimenta, brinquedos, literatura etc, próprios para a criança, que acabaram por delimitar fortemente os espaços do adulto e dos pequenos. Se, na Idade Média, elas eram misturadas aos adultos bastante cedo, quando atingiam aproximadamente os sete anos e começavam a ser tratadas de fato como adultos, compartilhando de todos os seus conhecimentos; depois isto se perdeu, e os conhecimentos passaram a ser segredados entre os adultos, isolando as crianças. Neil Postman, em “O desaparecimento da infância”³, defende

¹ ROSEN, David M.. EBRARY, INC. *Armies of the young: child soldiers in war and terrorism*. New Brunswick, N.J.: Rutgers University Press, c2005. xi, 199 p.

² ARIÈS, Phillipe. *História social da criança e da família*. Rio de Janeiro: LTC, s/d.

³ POSTMAN, Neil. *O desaparecimento da infância*. Rio de Janeiro, Graphia, 1999.

que a infância está diretamente ligada ao fato de não poder saber os “segredos dos adultos”, na medida em que “as crianças são um grupo de pessoas que não sabem certas coisas que os adultos sabem”. Os adultos detêm segredos, conhecimentos exclusivos, que são negados às crianças. Elas são aquelas que não podem ler o que os adultos leem, não podem ver e fazer o que os adultos veem e fazem – são aqueles *infans* que não podem dizer o que os adultos dizem. Às crianças é imposta a vergonha, elas passam a ser adestradas para a inocência e a candura, aprendendo a controlar a “natureza” para que tenham uma educação satisfatória e uma alma purificada; enquanto os adultos são igualmente adestrados para vê-las como inocentes e cândidas. E assim para elas foram construídos “lugares próprios”, escolas, parques com brinquedos apropriados, casas com famílias estáveis, lares ideais.

Por isso, é imediata a percepção de que é errado que uma criança seja órfã ou miserável. É errado que ela esteja em apuros, é terrível que uma criança morra. Mas, pior, é inconcebível que ela lute, estupe e mate, como acontece em *Feras*. Isto não cabe dentro das molduras em que colocamos as crianças; a guerra não é, de forma alguma, um de seus lugares ideais. Se, por mais horrível que seja ver uma criança à beira da morte, há protocolos de leitura para as situações em que ela aparece como vítima e nós sabemos lê-las, de pronto sabemos que posição tomar diante delas. Por outro lado, ficamos desnorteados quando a criança não é apenas vítima, mas perpetradora da violência. A idéia de uma criança assassina, por mais que ao mesmo tempo brutalmente oprimida, abre uma espécie de vão afetivo, ela nos causa uma certa confusão. A obra de Uzodinma problematiza essa criança. Agu aparece como uma figura ambígua. Ele é justamente uma criança-soldado que é ao mesmo tempo o soldado que precisa e gosta de matar, e também a criança que faz xixi nas calças, de pavor.

Desse modo, o objetivo deste trabalho é analisar como a infância pode ser representada numa narrativa de guerra, em que a criança é colocada no lugar do perpetrador da violência, e não somente da vítima, enquanto menino-soldado. Investigo como trabalhar esse material quase inenarrável pela boca de um personagem criança, que ainda não maneja suficientemente bem nem a linguagem e nem a dor.

Metodologia

Para investigação, foi consultado um vasto acervo bibliográfico teórico que pretende operar deslocamentos da visão tradicional da infância enquanto etapa cronológica restrita, pautada pela inocência e por uma visão simplificada da vida – a que corresponderia uma literatura igualmente redutora, de temática edulcorada – em direção a um pensamento da infância como experiência radical da linguagem em estado nascente, como potência do dizer, transitando nos fluxos entre o silêncio e a fala.

Em relação às obras de ficção, tendo como contexto os conflitos internos pelos quais passam grande parte dos países africanos e que custam a vida de milhares de civis, dentre os quais um sem-número de crianças, a guerra e a infância são assuntos recorrentes na literatura africana. A criança figura tanto no espaço do oprimido, como em *Bom dia camaradas*, de Ondjaki, obra que passa quase “de raspão” pelos conflitos, apenas o suficiente para fomentar o medo no menino-narrador e em seus companheiros; quanto no espaço do opressor (que não deixa de ser também um oprimido), em que encontramos o drama dos meninos-soldado, como em *As aventuras de Ngunga*, de Pepetela, em tom mais fabular, em terceira pessoa, *Muito longe de casa*, obra de cunho testemunhal de Ishmael Beah, hoje porta-voz do UNICEF e, finalmente, *Feras de lugar nenhum*, no qual me concentrarei neste ensaio. *Feras* é a obra de estréia do escritor de origem nigeriana Uzodinma Iweala⁴, que, desde estudante em Harvard,

⁴ No caso de *Feras*, talvez a idéia de escrita da diáspora seja melhor para classificá-la do que “literatura africana”, levando em consideração que Uzodinma é um escritor de origem nigeriana, mas radicado nos EUA, numa situação em que não é mais possível definir sua literatura por critérios geográficos, nacionais ou

recebeu inúmeros prêmios por seus escritos. Pelo romance, recebeu o prêmio Young Lions para ficção, conferido anualmente a autores com menos de 35 anos. O livro tem como narrador e protagonista o menino Agu, que vai contando, em tempo presente, as errâncias de sua jornada como menino-soldado num exército rebelde até seu resgate à sociedade.

Conclusões

O modo de intrincar a guerra e a infância, a partir da voz de um narrador menino pode ser interessante na medida em que explora e aproxima “o cru desses dois lugares inicialmente tão distantes. Parece que algo mais que o narrador-criança aproxima essas duas instâncias e a palavra “cru” me parece boa para promover essa tangência. De acordo com o dicionário Houaiss⁵, ela pode significar: aquilo que é sem piedade, cruel, feroz, sanguinolento, áspero, duro, sem disfarce nem eufemismo, e também aquilo que não passou por preparação especial, sem cozimento o suficiente. Apesar de um primeiro impulso identificar “o cru” da infância somente com o “não cozido”, deixando o restante das significações à guerra, a infância também está relacionada ao que é áspero, duro e, por que não, cruel e feroz. A criança é o pequeno ser que ainda não foi completamente lapidado nas fronteiras culturais da espécie humana, que ainda não fechou os limites do “eu”, que é mais instinto do que razão, com uma vitalidade feroz. A infância é o lugar do estar rente ao chão, do levar à boca, do brigar por um espaço no mundo, esperneando, gritando e mordendo, da linguagem direta, áspera, sem eufemismos. A ligação afinada entre guerra e infância parece ser ainda mais exaltada quando Agu afirma que na guerra mesmo os maiores homens viram criança. “Se você olhar o comandante vai perceber que ele é um homem muito grande, apesar dessa guerra fazer a maioria dos homens virarem crianças, e as crianças virarem bebês” (50). Se a guerra faz os homens virarem crianças e as crianças virarem bebês, talvez seja porque implica na descoberta, no desbravamento, de um mundo outro, novo, perigoso, amendrontador; em que os guerrilheiros precisam andar se arrastando, engatinhando pelo chão; estar em contato direto com a terra e os animais, com a morte e a coragem de lutar pela vida; com os sentidos aguçados. A voz da criança talvez seja a mais trágica e, num primeiro momento, a mais imprópria para se ouvir uma história de guerra. Mas talvez não. O *infante* não vive apenas na infância, na criança ainda sem fala, mas também na infantaria, no soldado que combate a pé, em terra, que vai para o embate corpo-a-corpo. Aquele que está num lugar em que não cabe fala, mas apenas os ruídos animais da guerra. Num certo sentido, poderíamos dizer que os infantes desses dois lugares, infância e infantaria, compartilham da mesma experiência de encontro e desencontro com o mundo, de exploração no chão, de desbravamento de campo com o próprio corpo, em bravura instintiva. No “engatinhamento” e no “engatilhamento” necessários a ambas as selvagerias.

Referências

- ARIÈS, Phillipe. *História social da criança e da família*. Rio de Janeiro: LTC, s/d.
BEAH, Ishmael. *Muito longe de casa: memórias de um menino soldado*. Rio de Janeiro: Ediouro, 2007.

lingüísticos. Quando língua/pátria/solo não mais coincidem na experiência contemporânea pós-colonial, por razão de deslocamentos forçados, exílios, errâncias, na disjunção entre solo/língua/cultura/identidade que define grande parte da literatura hoje.

⁵ De acordo com o dicionário Houaiss, “cru” pode significar, entre outros: 1. sem piedade; cruel, feroz; 2. que resulta em sangue; cruento, sanguinolento; 3. sem eufemismo, sem disfarce; áspero, duro; 4. que não passou por preparação especial; em estado natural; 5. sem cozimento suficiente.

- BENJAMIM, Walter. “A doutrina das semelhanças”. *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. São Paulo: Brasiliense, 1994.
- BORGES COELHO, João Paulo. *Da violência colonial ordenada à ordem pós-colonial violenta. Sobre um legado das guerras coloniais nas ex-colônias portuguesas*. Acesso em: 28/04/2010.
<http://www.lusotopie.sciencespobordeaux.fr/borges2003.pdf>
- DELEUZE, Gilles. GUATTARI, Félix. *Kafka: por uma literatura menor*. Rio de Janeiro: Imago Editora, 1977
- DELEUZE, Gilles. “A Literatura e a Vida”; “O que as crianças dizem”; “Lewis Carroll”; “Gaguejou”. *Crítica e clínica*. São Paulo: Editora 34, 1997.
- EHRENREICH, Barbara. *Ritos de sangue: Um estudo sobre as origens da guerra*. Rio de Janeiro: Record, 2000.
- DOLTO, Françoise. “Influência dos animais e das plantas”; “A agressividade da criança pequena”. *As etapas decisivas da infância*. São Paulo: Martins Fontes, 1999.
- FILIPOVIC, Z; CHALLENGER, M. *Vozes Roubadas - Diários de Guerra*. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.
- FOUCAULT, Michel. “Os recursos para o bom adestramento”. *Vigiar e punir: nascimento da prisão*. Petrópolis: Vozes, 1983.
- GAGNEBIN, Jeanne Marie. “Infância e pensamento”. *Sete aulas sobre linguagem, memória e história*. Rio de Janeiro: Imago, 2005.
- HELD, Jacqueline. “Infância e fantástico – o animismo infantil”; “Fantástico, linguagem e poesia”. *O imaginário no poder: as crianças e a literatura fantástica*. São Paulo: Summus, 1980.
- HONWANA, Luis Bernardo. *Nós matamos o cão tinhoso*. São Paulo: Ática, 1980.
- IWEALA, Uzodinma. *Feras de lugar nenhum*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2006.
- KOHAN, Walter O. “A infância escolarizada dos modernos”. *Infância: entre educação e filosofia*. Belo Horizonte: Autêntica, 2003.
- KOHAN, Walter O. “A infância da educação: o conceito devir-criança”. In: KOHAN, Walter (org). *Lugares da infância: filosofia*. Rio de Janeiro: DP&A, 2004.
- LARROSA, Jorge. “O enigma da infância”. *Pedagogia profana: danças, piruetas e mascaradas*. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.
- NESTROVSKI, Arthur e Márcio Seligmann-Silva (orgs.). *Catástrofe e Representação*. São Paulo: Escuta, 2000.
- ONDJAKI. *Bom dia camaradas*. Rio de Janeiro: Agir, 2006.
- PEPETELA. *As aventuras de Ngunga*. Lisboa: Dom Quixote, 2002.
- POSTMAN, Neil. *O desaparecimento da infância*. Rio de Janeiro: Graphia, 1999.
- ROSEN, David M.. EBRARY, INC. *Armies of the young: child soldiers in war and terrorism*. New Brunswick, N.J.: Rutgers University Press, c2005. xi, 199 p.
- ROSSET, Clement. *O princípio da crueldade*. Rio de Janeiro: Rocco, 1999.